

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda São Manoel**

código  
AVI – FO1 – SSA

localização  
Seguindo pela RJ-172, em direção a Manoel de Morais, localidade situada no município de Santa Maria Madalena

município  
**São Sebastião do Alto**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

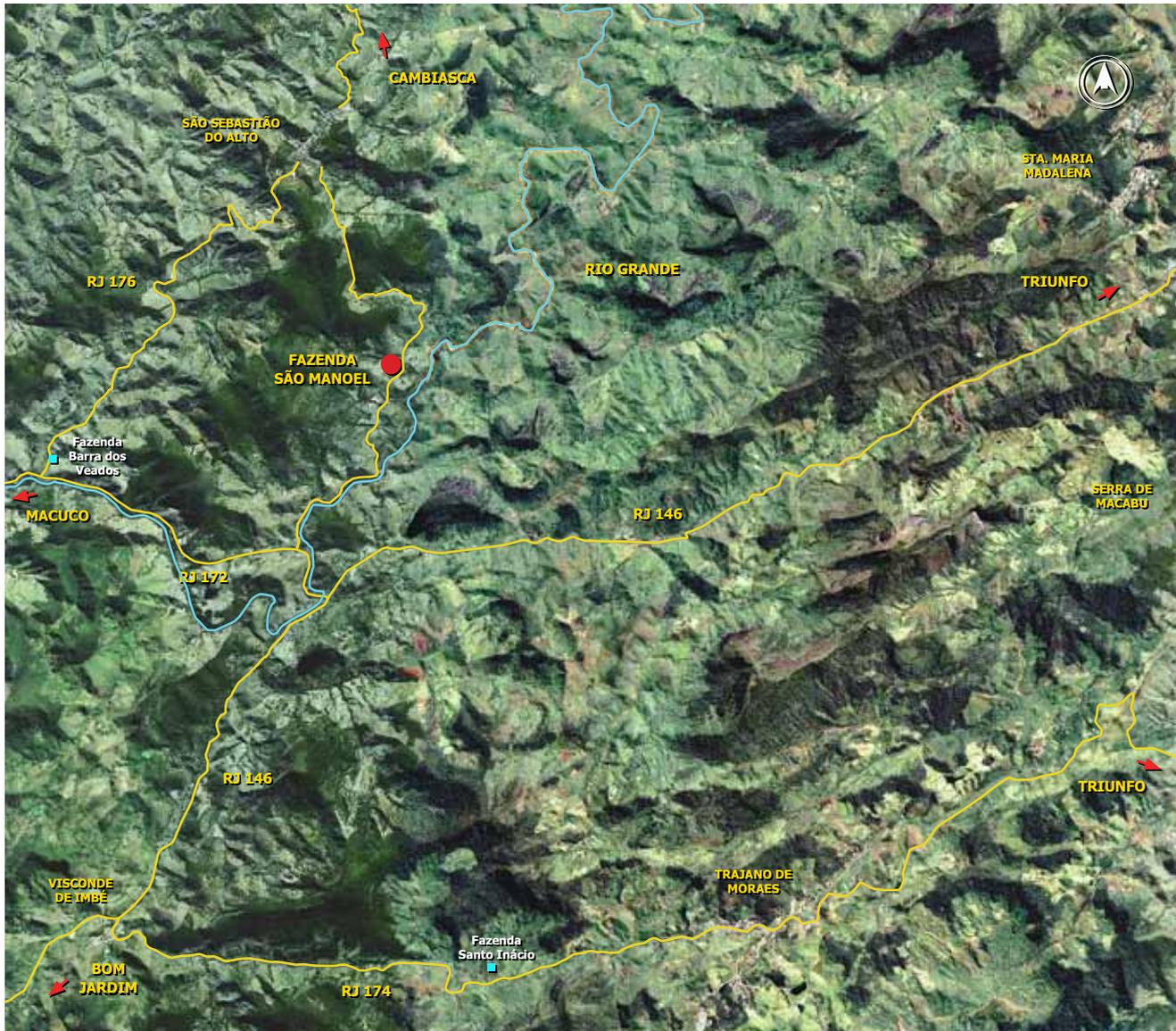
proprietário  
**particular**



Fazenda São Manoel, casa-sede

coordenador / data **Alberto Taveira – mar 2010**  
equipe **Alberto Taveira, Michelly Alves de Oliveira e Amauri Lopes Jr.**  
histórico **Roberto Grey**

revisão / data  
**Thalita Fonseca – jul 2010**



situação

A Fazenda São Manoel localiza-se na região serrana do estado do Rio de Janeiro. Seguindo pela RJ-116, em direção ao município de São Sebastião do Alto, na altura do km 138, antes do centro de Macuco, inicia-se a RJ-172, estrada asfaltada que leva à localidade de Manoel de Moraes, no município de Santa Maria Madalena.

Percorrendo 16 km nesta rodovia, entra-se à esquerda numa estrada de terra acompanhado, à direita, pelo leito do Rio Grande (f01). Adiante 4 km, chega-se à porteira da Fazenda São Manoel (f02).

O cenário natural no entorno do sítio é composto, em sua maioria, por morros recobertos de vegetação rala, destacando-se alguns poucos onde persistem reservas de mata nativa (f03 e f04). Observa-se também uma elevação rochosa digna de nota, como a Pedra de Manoel de Moraes (f05). O abastecimento de água da fazenda é feito pelo córrego Três Águas, contribuinte do Rio Grande.



01



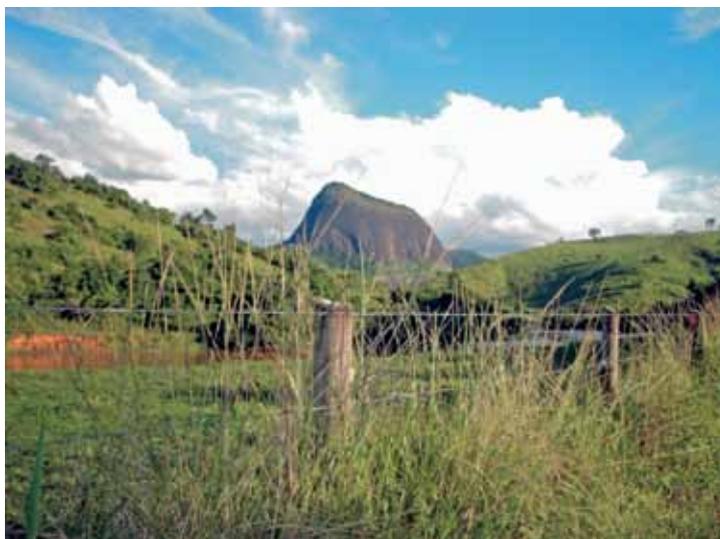
03



02



04



05

Do conjunto original da fazenda, resta apenas a imponente casa-sede, o local dos antigos terreiros de secagem de café – fronteiros à morada e hoje ocupados por um bem cuidado gramado (f06) – e as ruínas de um engenho com sua chaminé (f07).

A fazenda exibe área de lazer com piscina (f08), casa de bonecas (f09), casa da árvore (f10), jardim (f11), pomar (f12) e lago artificial (f13), nos fundos.



06



07



08



09



10



11



12



13



14

Separado do restante da propriedade, há uma área considerável delimitada por cerca viva e grades de madeira (f15), onde os equipamentos anteriormente citados estão locados. A fazenda também apresenta casas de colono contemporâneas (f16), estábulos para gado leiteiro (f17), bezerreiro, curral e silos para armazenagem de grãos.



15



16



17

São Manoel guarda características ímpares referentes à sua tipologia, conformação estilística e distribuição interna, em relação às demais fazendas de café fluminenses, em que pese a semelhança do seu sistema construtivo.

Se por um lado sua arquitetura assume ares de um palacete urbano, por outro remete em especial às casas de fazenda dos engenhos de açúcar em Quissamã, norte do estado, com seus avarandados frontais e predominância da horizontalidade, resquícios das casas bandeiristas paulistas e, não tanto, ao desenho tradicional como a maioria dos exemplares desta vertente insiste em se apresentar.

A começar pela tipologia, temos uma casa térrea sobre porão não habitável, que foge ao esquema de dois pavimentos frontal (com porão habitável) e um de fundos, aproveitando a declividade do terreno, por vezes forjada. Nessa propriedade, a edificação desenvolve-se plana, sólida, assentada sobre um embasamento baixo de pedra à frente dos terreiros – esse conjunto é elevado com relação aos outrora cafezais e elementos próprios da máquina cafeicultora oitocentista<sup>1</sup>.

O tratamento colonial espartano tradicionalmente aplicado às fachadas é aqui abandonado e elevado à potência da linha neoclássica, o que de mais moderno havia no período<sup>2</sup>. Naturalmente, trata-se de um neoclássico adaptado às contingências e limitações materiais locais, como a falta de calhas metálicas, tendo por consequência a necessidade dos costumeiros e pronunciados beirais.

A casa tem sua distribuição espacial ditada por um “L” invertido, que alinha um corpo principal frontal, abrigando os setores social e íntimo, e uma ala lateral à direita para os serviços. Internamente, percebe-se a interligação franca entre os ambientes íntimos, resquício de um modo de projetar completamente arraigado à construção da época. Entretanto, já surgem nessa casa-sede os modernos e longos corredores, destinados à ligação e distribuição independente entre os cômodos, além dos confortáveis espaços de transição externa/interna, localizados à frente (varanda) e aos fundos (alpendre).

A fachada principal desenvolve-se simétrica, mantendo três corpos em sua composição: os extremos mais avançados que o central, onde se insere a generosa varanda entalada (f18). Esses corpos são limitados por pilastras com embasamento em pedra, fuste liso e capitéis dóricos, conjunto que, nos cunhais, apresenta-se todo executado em pedra.



18

---

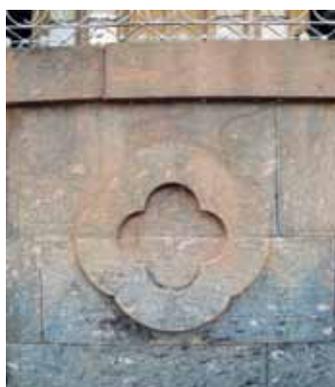
<sup>1</sup>O chamado “quadrilátero funcional”, composto, em tese, pela casa de morada ou sede (com capela interna ou em construção própria), terreiro de secagem de café, tulhas, engenho e senzala, fechando um espaço restrito e contíguo, à vista do proprietário, pois o “olho do dono engorda o gado”, ou, no caso, enche as arobas de café;

<sup>2</sup>Segundo informações do proprietário da Fazenda São Manoel, seu projeto teve o traço de Grandjean de Montigny (a comprovar), componente da Missão Artística Francesa, organizador do ensino de Arquitetura no Brasil, e introdutor do Neoclássico como estilo oficial no Império do Brasil, a partir de 1816.

O embasamento dessa construção é revestido em blocos esquadrejados de pedra e apresenta caprichosos óculos – cegos (no corpo central, f19) e gradeados para ventilação do porão (nos corpos laterais, f20). No eixo de simetria destaca-se a escada com dois lances paralelos à fachada e chegada central com pisos e patamar em pedra, além de guarda-corpo em ferro batido (f21 e f22) e passeio longitudinal em lajes de pedra. Nessa escadaria inscreve-se um nicho em arco abatido, onde está uma bica e uma cuba retangular em pedra com base em forma de cálice; o piso de encaminhamento para o local é emoldurado por pedras de mão, as quais certamente delimitavam, outrora, um ajardinamento diferenciado (f23).

Em cada qual dos corpos avançados jaz um vão de porta-sacada em arco pleno, com cercadura, ombreira e aduela em madeira, laje em pedra com bossagem, guarda-corpo em ferro batido, além de esquadria de madeira com duas folhas duplas: as internas, almofadadas, e as externas, também almofadadas na parte inferior, e caixilhos de vidro no restante da folha, mantendo bandeiras fixas em vitral colorido decorado com arabescos (f24).

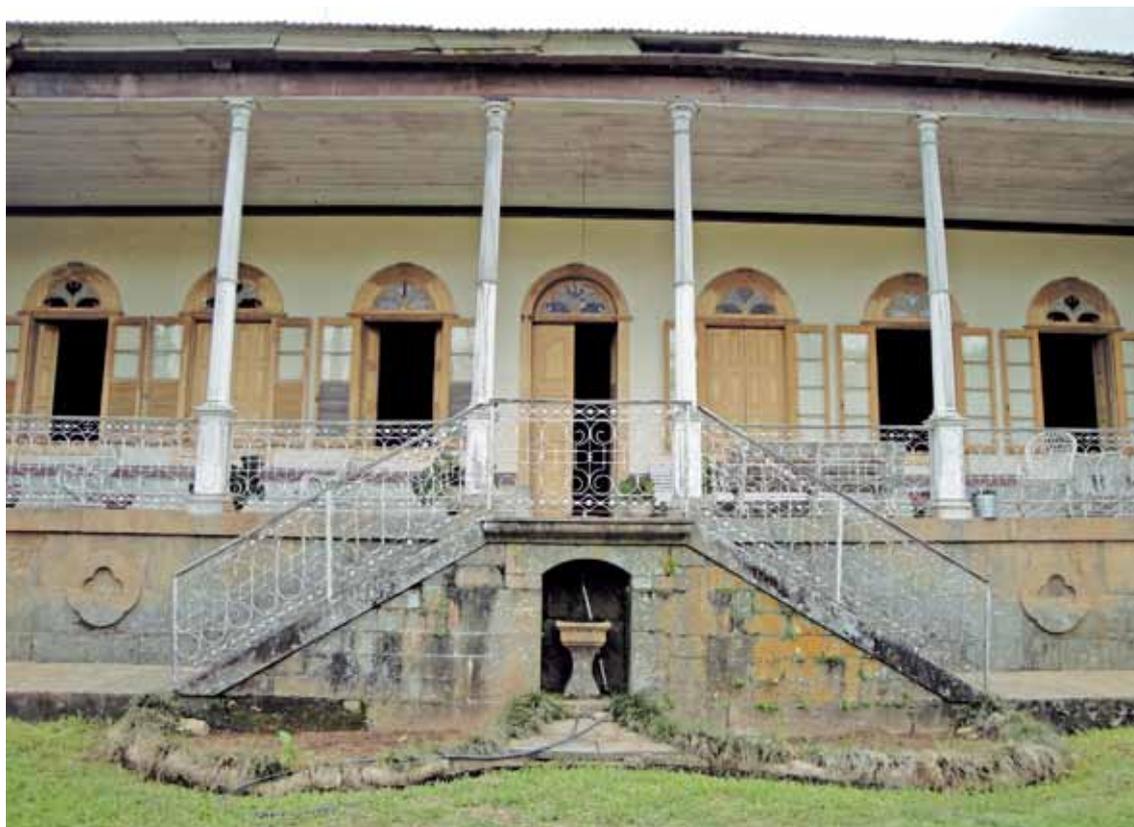
O corpo central, mais recuado, comporta a já citada varanda entalada, a qual exhibe piso em ladrilhos hidráulicos ornados com figuras geométricas reversíveis. O guarda-corpo, em ferro batido, é modulado por seis pilaretes em madeira, com capitéis dóricos e fuste octogonal, metade canelurado, metade liso, apoiados sobre base de seção quadrada. As paredes têm embasamento ornamentado com pintura marmorizada cinza, vinhetas com estênceis florais e forro em madeira tipo saia e blusa (f25 e f26).



19



20



21



22



23



24



25



26

Para essa varanda voltam-se nove vãos com verga em arco pleno, semelhantes aos já descritos; o central e os existentes nas faces internas dos corpos laterais são de porta, e os que os intermedeiam, de janelas. Os vãos de porta apresentam esquadrias em duas folhas em madeira almofadadas de abrir, com pintura imitativa de madeira; os vãos de janelas exibem ombreiras que se prolongam para baixo com finalizações arredondadas, e esquadrias de madeira de abrir: as internas, com quatro folhas almofadadas, e as externas, com duas folhas em caixilhos de vidro e venezianas (f27 e f28).

Finalizando a composição, o entablamento – muito comprometido pela perda de cerca de  $\frac{3}{4}$  de seu total – e cornija em madeira de acabamento do beiral do telhado, este de ponto elevado e com quatro águas, atualmente recoberto em telhas francesas (f29).

As fachadas laterais do corpo principal que forma o “L” repetem os elementos da empena principal, naturalmente com as modificações ditadas pelas especificidades de sua planta. A exceção é feita aos óculos de ventilação, que, nesse caso, assumem a forma de losangos (f30 e f31). Aqui são exibidos quatro vãos de janelas, como as descritas para a varanda, mostrando, entretanto, folhas externas em venezianas. Na fachada lateral esquerda, no extremo aos fundos, foi acrescentado um banheiro, expressando flagrantemente essa adaptação contemporânea e mais simplória. Já a fachada lateral direita apresenta-se bem mais simples após esse corpo principal, denotando o prolongamento do “L” destinado aos serviços.

A fachada de fundos, de fatura mais discreta que a frontal, compreende um alpendre entalado com telhado de uma água em telhas capa e canal, guarnecido por guarda-corpo em madeira serrada, modulado por seis pilaretes chanfrados em madeira.



27



28



29



30



31

A esse alpendre se tem acesso através de duas escadas em pedra, com guarda-corpo em madeira serrada, localizadas nos extremos, e apresenta piso em tabuado de madeira e cobertura em telhas vãs. Nesse alpendre existem oito vãos: dois de porta e seis de janelas, similares aos já descritos para a varanda (f32 e f33)<sup>1</sup>, além de outras três portas para dois banheiros e uma copa, localizados nos corpos dos extremos.

Sob o alpendre, há o acesso ao porão não habitável, além de duas ventilações deste. Fronteiro ao porão, há uma bacia em pedra com formato elipsoidal e pilar de seção quadrada, onde se inscreve bica de metal com formato de dragão marinho (f34 e f35).

A ala destinada aos serviços – ao rés do chão, voltada para a piscina – possui fachada sóbria, antecedida por circulação aberta modulada por dez pilaretes em madeira chanfrada, para onde estão voltados cinco vãos de porta em madeira envelhada sem pintura (f36 e f37). A cobertura desse volume apresenta telhadura em capa e canal.



32



33



34



35



36



37

<sup>3</sup>Neste alpendre insere-se uma mesa com tampo rotativo e um balanço-cavalinho idênticos aos existentes na Fazenda Providência, posto que a família de seus proprietários é a mesma.

Ladeando a varanda alcançada pela escada frontal estão dois quartos voltados aos terreiros à frente (f38). Internamente, a partir da portada principal, há uma circulação central – alinhada ao eixo de simetria da planta – que interliga a varanda ao alpendre nos fundos (f39). À sua esquerda estão as portas para acesso para o escritório (f40), quarto (f41) e outro corredor, o qual estabelece uma circulação secundária e perpendicular (f42), que, por sua vez, fornece acesso a outro quarto (f43). Através deste último quarto, por meio de portas internas, alcançam-se três outros quartos (inclusive o frontal à esquerda) e um banheiro, aos fundos (f44, f45 e f46). Voltando à circulação central, à direita, estão os acessos às salas de estar (f47 e f48) e de jantar (f49). Tais salas interligam-se – através de outra circulação secundária e paralela (f50) – ao quarto frontal, a mais dois quartos (f51 e f52), banheiro (f53) e copa.



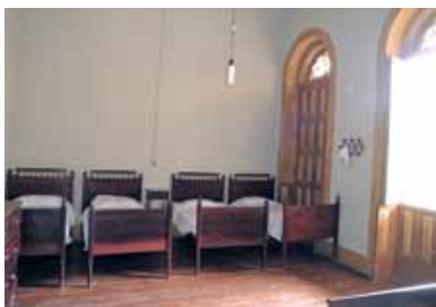
38



39



40



41



42



43



44



45



46



47



48



49



50



51



52



53

Os ambientes internos destes setores sociais e íntimos mantêm elevado grau de originalidade, revelando materiais e decoração destacada. Dentre os pisos, ressaltam-se os trabalhados com tábuas de diferentes cores, delimitando tabeiras e desenhos geométricos (f54), e, ainda, os executados em ladrilho hidráulico (f55). A pintura também é bastante presente em rodapés imitativos de mármore e granitos (f56, f57 e f58), pinturas em estêncil (já um tanto modificadas) com vinhetas decorativas (f59), esquadrias e cercaduras que simulam redundantemente a madeira, com alternância de tons (f60), e que trazem bandeiras em vitral colorido (f61). Os forros, em madeira do tipo saia e blusa (f62), nos ambientes mais nobres, são decorados com apliques radiais (f63), lustres e mobiliário de época, como o *art nouveau* (f64, f65, f66 e f67).

Finalizando a organização interna está a ala lateral à direita, que completa o "L" invertido e abriga o setor de serviço, ambientes estes muito simples ou reformados (ver f37). A partir do alpendre, há uma copa e, em nível mais baixo, em sequência, cozinha e depósito, estando seu trecho final sem uso, com cômodos cujas alvenarias estão sem acabamento de emboço.



54



55



56



57



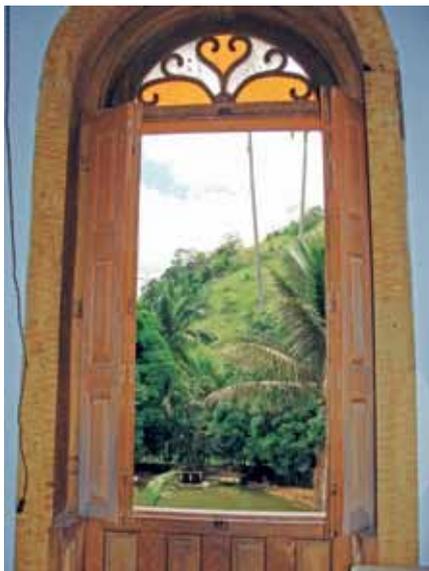
58



59



60



61



62



63



64



66



65



67

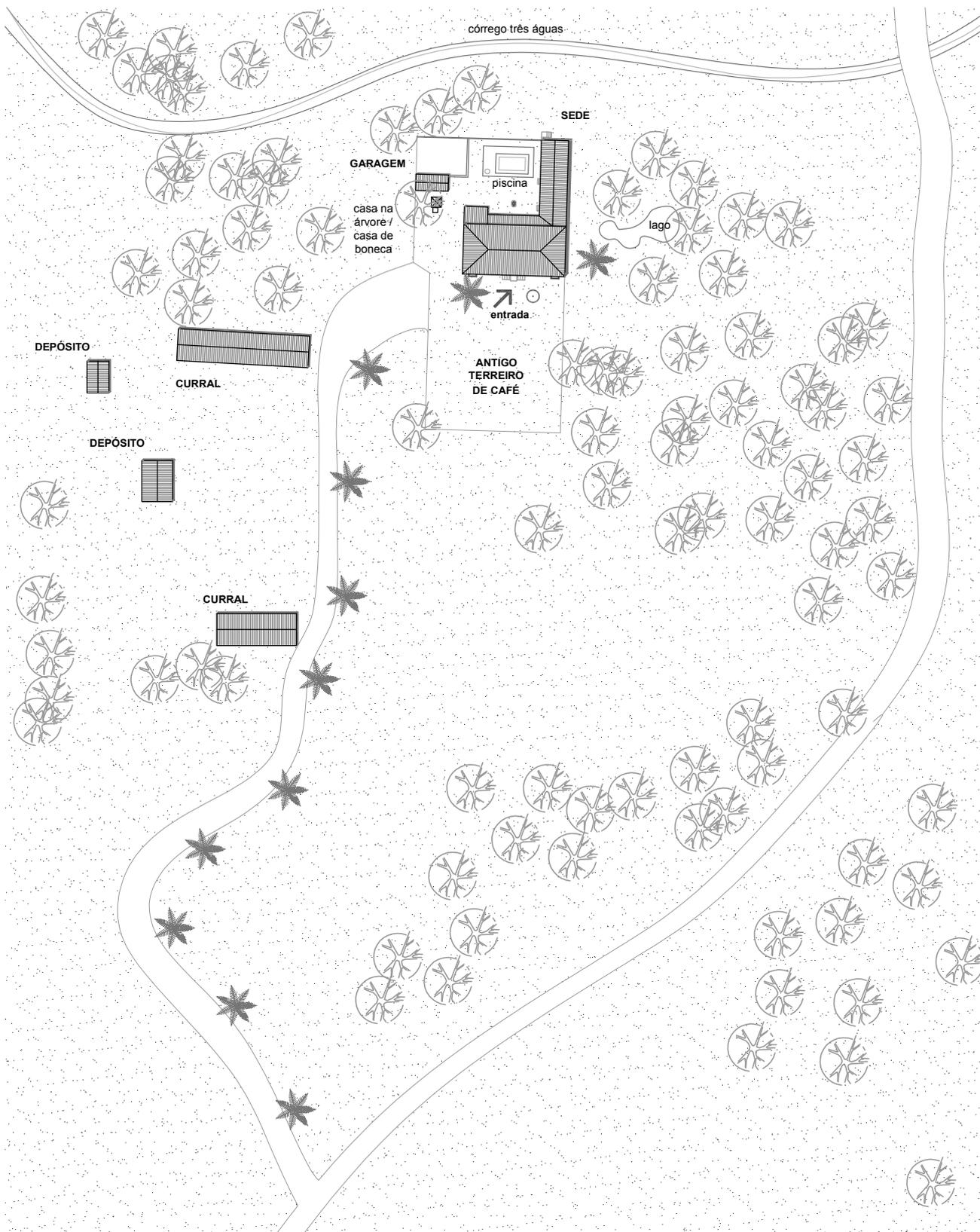
A Fazenda São Manoel encontra-se em bom estado de conservação. Entretanto, ocorrem alguns óbices comuns às edificações a ela contemporâneas, e que não recebem manutenção preventiva constante.

Assim, a casa-sede requer uma limpeza generalizada dos elementos em pedra de sua fachada principal (ver f21). Há também a necessidade de uma pintura geral das empenas (ver f24). A cimalha frontal em madeira tem partes faltantes, de fácil refazimento, visto que o trecho inicial ainda se mantém como modelo (ver f25). As cercaduras e esquadrias de madeira voltadas ao exterior também necessitam de nova pintura (ver f28).

O tabuado do alpendre necessita de cuidados, como lixamento e aplicação de cera (ver f33), da mesma forma que a maioria dos pisos internos (ver f44). A fiação aparente, comum a grande parte dessas edificações, deve ser revista e solucionada sua reinstalação, de modo a não gerar riscos de sinistro (ver f39).

Há sinais de infiltração descendente em alguns ambientes, proveniente do telhado (ver f26). Não foram, no entanto, observados indícios de infestação por cupins nas partes de madeira da casa-sede, bem como rachaduras ou fissuras na estrutura das paredes.

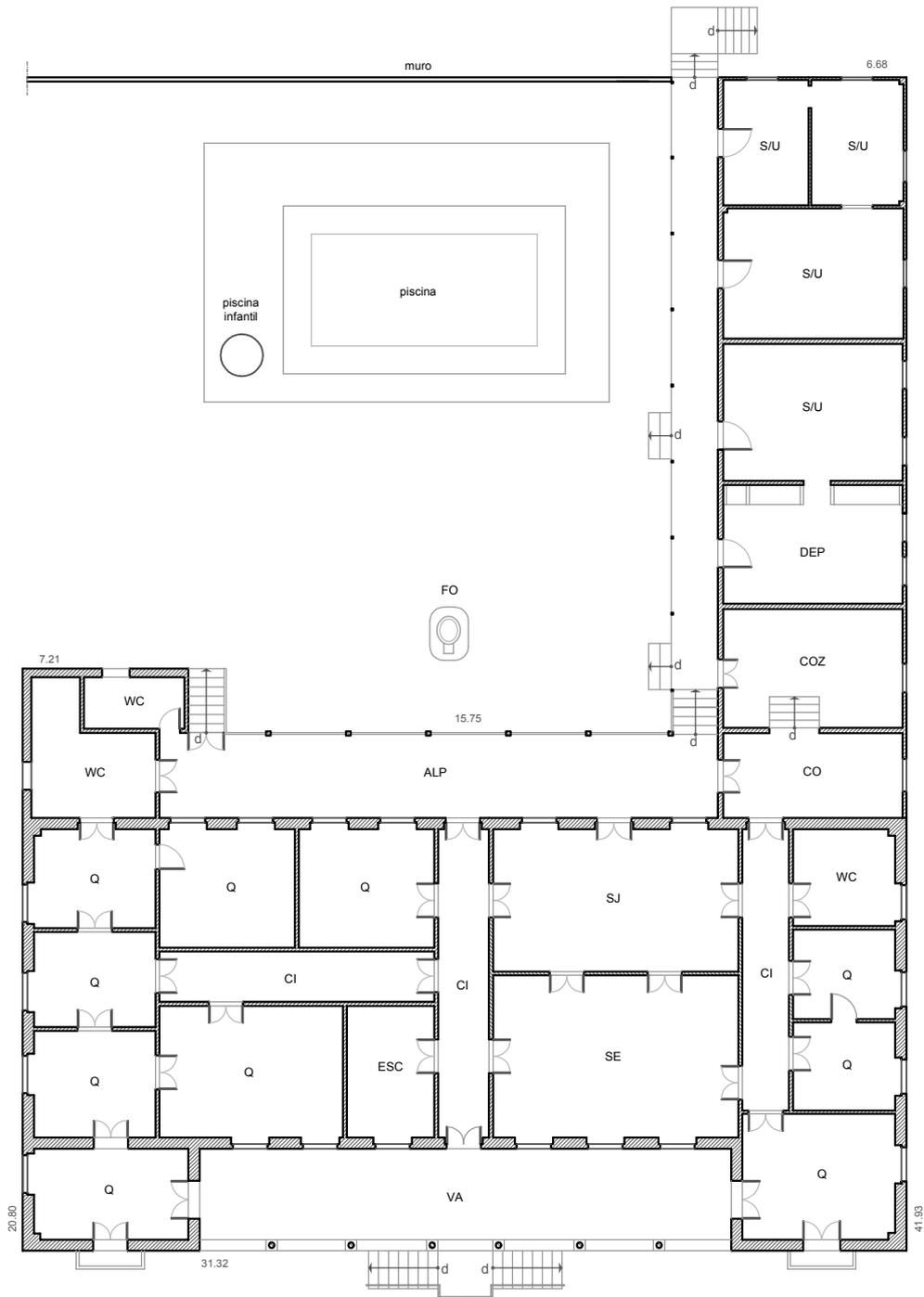
### FAZENDA SÃO MANOEL



1 Implantação  
escala 1/1750

0 5 10 40

**FAZENDA SÃO MANOEL**



**1** Planta Baixa da Sede  
escala 1/250



ALP - alpendre    CO - copa    DEP - depósito    FO - fonte    SE - sala de estar    S/U - sem uso    WC - banheiro    alvenaria existente  
 CI - circulação    COZ - cozinha    ESC - escritório    Q - quarto    SJ - sala de jantar    VA - varanda    alvenaria demolida

A sesmaria que deu origem a São Manoel foi requerida por Manoel da Silva Ramos em 1813, declarando ele na sua petição já estar estabelecido naquelas terras desde aproximadamente 1805. Era filho de um dos primeiros colonizadores de São Sebastião do Alto, Manoel de São José, que se estabelecera na região desde 1800.

Aqueles posseiros tinham o costume de ocupar primeiro a terra, depois encaminhar a petição de sesmaria às autoridades de Cantagalo e do Rio de Janeiro.

Falecendo Manoel em 1858, depois de transformar a sesmaria numa grande fazenda de café, foi ela comprada pelo Dr. Joaquim Cândido Soares de Meirelles, destacado médico e deputado provincial entre 1850 e 1854, de quem a adquiriu Justino Barbosa da Cruz, um dos mais abastados fazendeiros da região, que a desenvolveu ainda mais, construindo sua imponente sede em estilo neoclássico com a ajuda de pedreiros e artesãos portugueses.

Acredita-se que a planta foi riscada por algum discípulo do grande arquiteto Grandjean de Montigny, integrante da Missão Artística Francesa, mandada vir da França por D. João VI.

A Fazenda São Manoel foi descrita em detalhes, em 1880, pelo Dr. Luiz Monteiro Caminhoá, grande biólogo da época, em seu livro *Breves apreciações sobre a agricultura na Província do Rio de Janeiro*. Depois de descrever a sede como sendo uma das melhores do município e elogiar o tino administrativo do proprietário, ele informa que “o serviço da roça era feito por 115 escravos, conquanto fosse de 237 indivíduos o pessoal da fazenda”.

A fazenda tinha na época 567 alqueires, dos quais 260 em café e 307 em matas e capoeiras. Contava com um milhão de pés de café plantados, os mais velhos com 28 anos. A produção média da lavoura, entre 1872 e 1876, fora de 15.000 arrobas. Justino possuía uma grande tropa para transportar sua produção para Macaé. Em 1884, faleceu Justino Barbosa da Cruz, deixando a fazenda para sua mulher, Maria José, e seus onze filhos.

Talvez já por efeitos da crise provocada pela abolição da escravidão, a viúva acabou fazendo um empréstimo de 62 contos e 458 mil réis, contra hipoteca de São Manoel, com Manoel de Moraes, casado com a filha da baronesa de Duas Barras, de quem era primo-irmão.

Não podendo pagar o que devia, D. Maria José Barbosa foi executada em 1891 por seu credor, sendo a dívida renegociada para 80 contos de réis. Finalmente, em 1892, a hipoteca foi novamente executada e Manoel de Moraes e seus filhos acabaram tomando posse do imóvel por meio de um acordo com os devedores.

Em 1895, morreu Manoel de Moraes. A administração dos negócios ficou nas mãos de seu filho, Manoel Antônio de Moraes Jr., conhecido como Neco, que não demonstrou o mesmo tino administrativo de seu pai, embora ainda mantivesse a propriedade sobre a Fazenda São Manoel, quando morreu em 1910 no Rio, operado pelo Dr. Antônio Austregésilo Rodrigues Lima, casado com sua filha, Hermínia, que acabou herdando São Manoel. Nessa época, já não havia mais café, sendo a pecuária a principal atividade da fazenda.

Médico famoso, mais tarde membro da Academia de Letras, radicado no Rio, o Dr. Antônio Austregésilo e sua mulher logo venderam a fazenda, em 1911, para o primo de D. Hermínia, coronel Alfredo Lopes Martins, neto do barão das Duas Barras, com influente atividade política e proprietário de várias fazendas, inclusive da Fazenda da Providência.

Em 1922, o coronel Alfredo vendeu São Manoel a seu genro, o médico mineiro Dr. Osório Alves Tavares, que clinicava em Cordeiro e conheceu sua futura mulher, Paula Torres Martins, durante uma consulta na Fazenda da Providência, que pertencia ao seu sogro.

Por morte do Dr. Osório, em 1969, herdou a Fazenda São Manoel seu filho, também médico, Dr. Paulo Martins Tavares, que continuou a desenvolver a pecuária leiteira e, em 2002, a deixou em condomínio para sua viúva e três filhos, atuais proprietários da mesma.

#### Fontes:

RAMOS, Lécio Augusto. *A história de São Sebastião do Alto 1786-1991*; A Mesopotâmia Fluminense. Editado pela prefeitura de São Sebastião do Alto, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História de família: casamentos, alianças e fortunas*. Léo Christiano Editorial, 2008.

Genealogia Fluminense, Cantagalo, no Google.

Livros de registro Paroquial de Terras de 1855-56 do município de Cantagalo no Arquivo Estadual, pela internet.

Conversas com proprietários das fazendas.

Bento Luís Lisboa, historiador amador.